



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL  
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL

## **IMIGRAÇÃO RUSSO-ALEMÃ EM SILVEIRA MARTINS/RS, SÉCULO XIX**

**Fernanda Simonetti**

**Santa Maria  
2008**

**Imigração Russo-Alemã em Silveira Martins/RS, século  
XIX**

**Por**

**Fernanda Simonetti**

**Monografia apresentada como requisito  
à obtenção do grau de especialização em  
História do Brasil, Programa de Pós  
Graduação em História do Brasil,  
Universidade Federal de Santa Maria.**

**Orientador: Prof. Dr. André Luis Ramos Soares**

**Santa Maria, RS  
2008**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Programa de Pós Graduação em História do Brasil  
Especialização em História do Brasil**

A comissão Examinadora, abaixo aprova a monografia como para obtenção do grau especialista no curso de Pós Graduação em História do Brasil:

Orientador: Prof. Dr. André Luis Ramos Soares  
Programa de Pós-Graduação em História, UFSM

Prof. Dr. Maria Catarina Chitolina Zanini  
Departamento de Ciências Sociais, UFSM

Prof. Mestre Neida Ceccin Morales  
Departamento de História, UFSM

Santa Maria, RS  
2008

## AGRADECIMENTOS

Neste momento de mais um objetivo alcançado se torna fundamental lembrar pessoas que fizeram parte dessa caminhada.

Agradeço imensamente:

Ao prof. Dr. André Luis Ramos Soares, orientador deste trabalho, pela sua disponibilidade, paciência, competência e por ter acreditado no tema trabalhado;

A prof. Dr. Maria Catarina Chitolina Zanini, que sempre se mostrou disposta a ajudar, incentivar os estudos a cerca da imigração;

Ao Pe. Sponchiado, coordenador do Centro de Pesquisa Genealógicas de Nova Palma, um incansável estudioso da imigração e sempre disposto a dividir seus conhecimentos;

A minha família em especial a minha mãe Cleci, grande incentivadora de meus estudos;

A meu pai Renato (*in memorian*), que sempre foi um estímulo aos meus estudos;

E finalmente, agradeço a todos aqueles que de uma forma ou outra, contribuíram para a realização deste trabalho.

## **RESUMO**

Este trabalho visa estudar os russo – alemães que chegaram a Silveira Martins/RS, onde hoje é a região da Quarta colônia, no ano de 1877. Esses mesmos imigrantes tiveram grandes dificuldades em se adaptar a essa região devido ao seu relevo e a grande seca que ocorreu em 1877. O governo brasileiro concedia apenas seis meses de subsídio a esses imigrantes, o que se tornava um tempo muito restrito, pois não completava o ciclo do plantio e colheita nas lavouras. Dessa forma, esses imigrantes souberam que na Argentina o subsidio era melhor que o brasileiro, e o seu relevo era de planícies, iguais ao da Rússia. Então foi mandada para Buenos Aires, Argentina uma comissão com o propósito de verificar essas terras. O objetivo é perfazer o início da colônia que se transformou na Quarta Colônia de Imigração Italiana. Portanto, esse trabalho visa contribuir com essa imigração russo-alemã pouco conhecida por todos.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>V</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>1 SILVEIRA MARTINS E SUA HISTÓRIA.....</b>	<b>3</b>
1.1 A colonização do Rio Grande do Sul.....	3
1.2 Dados gerais do município de Silveira Martins.....	4
1.3 Os motivos da imigração.....	5
<b>2 RETROCEDENDO NA HISTÓRIA.....</b>	<b>10</b>
2.1 Literatura sobre imigração.....	15
<b>3 O OLHAR DO IMIGRANTE ITALIANO FRENTE À</b>	
<b>IMIGRAÇÃO RUSSO-ALEMÃ.....</b>	<b>20</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>27</b>

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho o objetivo será estudar a imigração russo-alemã, ocorrida no ano de 1877, no local onde é hoje a Quarta-Colônia de Imigração Italiana<sup>1</sup>, mais precisamente no município de Silveira Martins. O legado da Imigração nesse período da história foi basicamente de povoar o Brasil, trazendo mão de obra branca já que a escravidão estava findando seus dias. Sendo assim, uma questão a ser analisada é de como essa leva de imigrantes russo-alemães vieram parar nessa região e o motivo pelo qual não foram bem sucedidos.

Para entender todo o processo de imigração, é preciso recorrer ao início das colonizações em solo brasileiro. A política brasileira de colonização começou efetivamente com a vinda de D. João VI para o Brasil onde o processo de colonização assumiu um caráter inovador, visto que a proposta de renovar as estruturas existentes, como a mão de obra européia, era uma das metas de tornar o país independente. Pela proposta colonizatória se pretendia criar novas condições econômicas, políticas e sociais, formando uma mentalidade que permitisse ao país superar todos os obstáculos decorrentes de sua formação inicial, sustentada pelo tripé: latifúndio, monocultura e escravidão. O movimento de colonização trazia em seu bojo uma série de objetivos que, interligados, mostravam a proposta do próprio movimento. Entre eles a formação de um grande exército pela necessidade de defesa do território onde eram visíveis as dificuldades de controle das fronteiras e conseqüentemente da própria hegemonia; a ocupação dos espaços vazios que propiciasse o desenvolvimento da agricultura, do comércio e da indústria, criando classes sociais intermediárias entre o senhor de terras e o escravo; a substituição da mão-de-obra escrava pela mão de obra livre, assalariada devido à expansão da causa abolicionista e à implantação do trabalho livre que

---

<sup>1</sup> Em 1876 foi criado o Núcleo Colonial de Santa Maria da Boca do Monte, sendo os imigrantes russo-alemães (poloneses) os primeiros a chegar à região em 1877. Em dezembro de 1877 pouco antes da chegada dos imigrantes italianos o lugar passou a ser denominado de Quarto Núcleo Imperial de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul e, em 21 de setembro de 1878, teve seu nome alterado para “Colônia de Silveira Martins”, em homenagem ao Senador Gaspar Silveira Martins. Posteriormente, 1882, deixou de ser colônia imperial e passou a ser administrada pela Província, e novamente teve sua nomenclatura modificada, agora para ex Colônia de Silveira Martins. (Vendrame, 2007, p.26)

desenvolveriam as cidades, estimulariam o comércio e fomentariam a criação de serviços de infra-estrutura, gerando um desenvolvimento para o país. Além desses objetivos, havia a clara intenção de branquear a raça, uma política assumida pela elite intelectual brasileira e pelos legisladores do império, garantindo que os colonos europeus que viessem colonizar o Brasil fossem brancos.

Dessa maneira, o presente trabalho teve uma revisão bibliográfica de diversas obras referentes à imigração. Durante algum tempo foi freqüentado o Centro de Pesquisa Genealógica (CPG)<sup>2</sup> de Nova Palma na busca de fontes e informações cedidas pelo Padre Luiz Sponchiado.

O trabalho está dividido em três capítulos:

No Capítulo 1, *Silveira Martins e sua história*, serão abordados fatos de como ocorreu à colonização no estado do Rio Grande do Sul, no século XIX. Faz-se necessário também uma breve explanação sobre o município de Silveira Martins, sobre sua principal forma econômica e suas principais características.

No Capítulo 2, *Retrocedendo na história*, se torna pertinente retroceder na história e buscar a verdadeira origem dessa leva de russo-alemães que se fixaram no século XIX na Ex Colônia de Silveira Martins, anterior a imigração italiana. Nesse capítulo também faço uma revisão bibliográfica sobre a imigração na ex Colônia de Silveira Martins.

No Capítulo 3, *Olhar do imigrante italiano frente à imigração russo-alemã*, aqui será analisado como essa leva de russo-alemães não é lembrada pelos imigrantes italianos. Na antropologia isso pode ser analisado como uma negação ao outro para sua própria auto-afirmação.

---

<sup>2</sup> O Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG) de Nova Palma, no Rio Grande do Sul, coloca à disposição dos interessados cerca de 1634 sobrenomes italianos de imigrantes que, a partir de 1878, se dirigiram para a Quarta Colônia, na área central do estado. O responsável pelo acervo é o padre Luiz Sponchiado, da Paróquia de Nova Palma, que há mais de 50 anos se dedica à pesquisa das origens das famílias italianas da região. O CPG foi inaugurado oficialmente em 1º de junho de 1984, ano do centenário de colonização das terras de Nova Palma. Além dos arquivos com as informações sobre os antepassados dos imigrantes, o Centro ainda conta com diversos outros documentos, como fotografias, livros, escritos, cronologias, gravações de vídeo e áudio. O local é referência para pesquisadores de todo o país e do Exterior. O CPG já recebeu pesquisadores da Itália, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Argentina e Uruguai. (fonte: <<http://blogdoaleitalia.blogspot.com/2008/05/centro-de-pesquisas-genealgicas-de-nova.html>>)



## CAPÍTULO 1

### Silveira Martins e sua história

*“A vida só pode ser compreendida, olhando-se para trás; mas só pode ser vivida, olhando-se para frente”.* [Soren Kierkegaard](#)

#### 1.1 - A colonização do Rio Grande do Sul

No Rio Grande do Sul, a colonização foi feita em parte por açorianos, alemães e italianos. Segundo o despacho do Conselho Ultramarino de Portugal, em 22 de junho de 1729, a colonização efetuou-se com colônias de origem açoriana, completando-se com casais estrangeiros, desde que não fossem de origem inglesa, holandesa e castelhana D. João VI e D. Pedro I, na fase da colonização alemã e mais tarde D. Pedro II, na fase da colonização italiana, não criaram objeções, facilitando essa iniciativa. O programa inicial de colonização foi chamado de Walkerfield, que constituía na distribuição de um lote de terra, ferramentas, animais, sementes aos agricultores, pagamento de módicos subsídios para a alimentação dos colonos no primeiro ano de estabelecimento. Este programa acarretou sucesso às colônias. É o caso da colônia de São Leopoldo, na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul que resultou em um exemplo decisivo da colonização europeia pelo governo imperial. Segundo alguns estudiosos da imigração no Brasil, durante os anos de 1824-1830, aproximadamente 5.300 colonos alemães foram enviados para a província, espalhando-se aos poucos pela região da planície, ao longo dos rios que formam o estuário do Guaíba.

Entre 1830 a 1840, a imigração europeia foi suspensa no Rio Grande do Sul, pela pressão que os latifundiários do Sul fizeram ao governo imperial, justificando que destinar verbas à colonização significava mais uma concessão à política abolicionista preconizada pela Inglaterra. Desde a abdicação do Imperador, a grande preocupação da economia do país era o movimento abolicionista que havia substituído a atenção dos

representantes políticos em detrimento do movimento colonizatório. Este havia sido suspenso devido à estabilização do sistema escravocrata.

## **1.2 Dados gerais do município de Silveira Martins**

O município de Silveira Martins é considerado o berço da Quarta Colônia de imigração italiana no RS, que ali se estabeleceu na década de 1870. As outras três colônias anteriores localizaram-se nas localidades que hoje constituem os municípios de Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi. Enquanto a cidade de Santa Maria veio a situar-se na planície (na "boca do monte"), Silveira Martins foi localizada na parte alta da região, que já faz parte da serra, em lotes que, na época, ainda não eram explorados para a agricultura ou pecuária; para o visitante que chega para a cidade, impressiona a igreja matriz, em cor verde vibrante; a cidade ainda guarda aspectos da época de fundação, que podem ser observados na arquitetura característica de prédios (clubes, escolas, hotéis e a própria igreja).

Diferentemente das outras três primeiras colonizações italianas no RS, que perfazem expressivo percentual da economia do RS (a grande Caxias do Sul produz cerca de 20% do PIB do Estado). Dentre as razões, parecem estar: dificuldade de comunicação adequada com outros centros comerciais maiores, falta de autonomia para colocar em prática a cultura trazida, não implantação de oficinas e indústrias, que constituem fatores essenciais para ativar o progresso.

Se vista pelo aspecto familiar houve uma migração bem sucedida, ou seja, costumes, hábitos oriundos da Itália e perpetuados aqui pelas pessoas. Tanto na obra de Julio Lorenzoni quanto de Andrea Pozzobon encontram-se textos referentes à experiência desses indivíduos referentes ao processo de imigração. Assim é perceptível que essa migração foi de caráter familiar cabendo ao homem o papel principal. O sonho de se tornarem senhores de sua terra era o objetivo principal já que na Itália a possibilidade de ascensão social era tarefa difícil. A religião foi e é considerado marca sempre presente nas famílias, símbolo que agrega, une as pessoas diante das diversas dificuldades encontradas. Nos primeiros anos, segundo Lorenzoni não havia onde praticar a religião, somente em 1880 chegou o primeiro sacerdote em Silveira Martins e os colonos trabalharam na construção da igreja. Através dos ritos religiosos os colonos

lembravam sua origem e assim adquiriam forças para as adversidades que aqui encontravam.

Lorenzoni narra que a diversão daqueles primeiros colonos era a missa dominical e as festas religiosas. Essa tradição é presenciada até os dias atuais com muito empenho e dedicação por parte dos descendentes. O mesmo autor relata também as privações que tiveram que passar moradia precária, alimentação dentre outras coisas. A questão do processo migratório traz uma consonância civilizatória devido à origem da mão de obra ser européia e por conseqüência ter um caráter produtivo diferente do que era encontrado aqui no Brasil.

O município de Silveira Martins através do último Censo/IBGE foi constatado que o número geral de habitantes do município de Silveira Martins perfaz um total 2.479 pessoas, dentro de um limite territorial de 118 km. A maioria da população reside na zona rural do município fazendo da agricultura e pecuária sua principal fonte de renda. Silveira Martins é uma pacata cidade interiorana sem grande fluxo de pessoas, veículos. No centro da cidade a Igreja Matriz chama atenção pela sua presença ficando vinculada a Praça Central. O comércio e as residências, portanto “cercam” a Igreja Matriz. (fonte: [http://www.terragaucha.com.br/imagens\\_s\\_martins.htm](http://www.terragaucha.com.br/imagens_s_martins.htm) e <http://www.ibge.gov.br>, acessado em julho/2008)

### **1.3 - Os motivos da Imigração**

Um cenário de guerras e massacres rondava a Europa, principalmente no século XIX, com as unificações da Itália e Alemanha. As pessoas então tiveram a garantia de que no Brasil encontrariam condições necessárias de ter uma vida digna e começou-se então à imigração. Terminada a luta pelo processo de Unificação Italiana (1860/70), o sonho de paz e prosperidade foi substituído por uma dura realidade: batalhões de desempregados e camponeses sem terra não tendo como alimentar a si nem a suas famílias.

A Revolução Industrial, com o advento das máquinas, substituiu o trabalho do homem com muito mais lucro e perfeição. Diminuíram drasticamente as possibilidades de trabalho que permitiam uma vida decorosa. A solução encontrada por muitos italianos foi emigrar em busca de novas terras, maiores possibilidades de trabalho e favoráveis condições de vida. No Brasil, a abolição da escravatura, o ciclo do café e a

forte campanha do governo brasileiro para atrair mão-de-obra estrangeira motivaram a imigração. Entretanto, vale lembrar que também existem registros de imigrantes destas famílias nos Estados Unidos e na Argentina.

Na Europa os que mais se beneficiaram com as Unificações, tanto italiana quanto a alemã, foram os burgueses, os capitalistas. A classe média e os trabalhadores agrícolas caíram na miséria, sendo que a Itália estava superpovoada, além da inexistência de emprego ou algum modo de sobrevivência. Com tudo isso, uma série de fatores criou força para produzir a emigração desses italianos para o Brasil e Argentina. Não foram motivos religiosos ou raciais, mas fatores estritamente econômicos e sociais os causadores dessa emigração.

Todo esse novo rumo dentro da Europa criava uma sociedade em que favorecia os ditos burgueses, fruto do novo sistema capitalista. Frente a essa nova visão de mundo sentimos resistência por parte dos então, colonos italianos. Com certeza a troca do sistema feudal pelo capitalista foi sendo percebida de forma lenta e gradual e suas conseqüências começaram a ser sentido em todas as esferas da sociedade.

É notável que um dos principais fatores que levaram essas pessoas a se aventurarem do outro lado do continente em busca de seus ideais. Segundo Zanini: “(...) uma grande massa de camponeses, mas também por uma utopia de poder reconstruir, na América, uma sociedade que estava irreparavelmente se despedaçando.” (2006, pg. 40)

Uma constante preocupação dos colonos italianos era o que esse novo sistema econômico e social poderia vir a fazer com os seus hábitos, costumes. Entende-se que essas pessoas eram muito ligadas as suas famílias, ao seu trabalho, a sua religião. Temos esses aspectos muito fortes dentro dessa cultura e sempre tentando ser perpetuada de geração para geração. Dessa forma, podemos concluir que não foi meramente o fator econômico que impulsionou essa imigração começada no século XIX, mas sim, uma mescla de fatores.

A busca dessa nova pátria pelos colonos italianos tinha como objetivo então a conquista de terras sem estarem presos aos seus patrões italianos. Essa suposta liberdade que os colonos poderiam vir a conquistar tendo como possível conseqüência a conquista de seu pedaço de terra foi o impulso necessário para enfrentar a longa viagem e as incertezas do futuro.

Isso é explicitado logo na introdução do Livro “Lá éramos servos, aqui somos senhores” onde Vendrame cita:

Os ‘patrões velhacos’ e as autoridades, responsáveis por cobrar impostos, taxas, arrendamentos das terras e restringir o livre-arbítrio, eram vistos pelos imigrantes como os culpados por diversas dificuldades e pela situação de miséria em que muitos se encontravam. A revolta pode ser percebida freqüentemente nas cartas que os colonos enviavam aos parentes na Itália, nas quais expressavam ódio aos seus antigos ‘patronni’. (2007, pg. 25)

Essa citação elucida a sede de um povo por sua autonomia que se apresentavam insatisfeitos com a realidade anterior. No Brasil, nesse mesmo período tivemos em 19 de janeiro de 1867 o Decreto Número 3784, que aprovava o regulamento para as Colônias do Estado: foi a cartilha da imigração para todo o Brasil. Ele era constantemente alterado por ofícios, portarias, avisos, pareceres, de modo que, se por um lado tinha força, por outro, era gerador de conflitos insanáveis.

Entre o período de 1880 e 1890 mais de um milhão e meio de italianos deixaram o país. E como no Brasil no dia 13 de maio de 1888, houve a total extinção da escravidão, iniciou a faltar braços para a lavoura. Os grandes fazendeiros, então, viram no imigrante italiano (europeu) a possibilidade de substituição do braço negro.

O Brasil, desde sua colonização teve a presença dos povos europeus espanhóis e portugueses, posteriormente, os alemães e italianos tiveram significativa importância para a formação étnica, social, cultural e econômica dos pais. Os imigrantes alemães contribuíram para a formação de uma sociedade com características próprias diferentes dos demais segmentos sociais brasileiros. O objetivo principal dessa colonização foi a de criar núcleos coloniais voltados para a ocupação e fixação na terra com o desenvolvimento da pequena propriedade.

Em relação à leva de alemães, vinda para o Rio Grande do Sul, observou-se que o governo imperial tinha como objetivo povoar as terras ainda não habitadas, possuindo o governo certo receio de perder parte da então província para os espanhóis, devido às rivalidades entre as duas potências.

O ciclo do movimento migratório ocorreu no princípio do século XIX, sendo que várias causas externas contribuíram para isso. A Alemanha passou por uma revolução

agrícola e demográfica juntamente com a industrialização que começou a se desenvolver, sendo que a emigração foi vista como uma solução e construção de uma melhor condição de vida.

Foi o governo brasileiro que atraiu os imigrantes europeus, oferecendo-lhes diversas vantagens em dinheiro ou em espécie. Por resolução imperial introduziu-se essa colonização, sendo que o imperador D. Pedro I interessou-se pessoalmente pelo povoamento e pela exploração de novas regiões do Brasil.

Com as crises políticas no Rio de Janeiro e depois no Rio Grande do Sul, paralisaram a colonização a partir de 1830. No período que interessa aqui, constata-se entre os anos de 1874 a 1888, uma pequena entrada de imigrantes alemães em relação aos períodos anteriores e posteriores.

Sobre a colonização italiana, por volta de 24 de maio de 1870 se criava a primeira colônia, denominada “conde D’ Eu”, atualmente Garibaldi. Posteriormente uma segunda colônia de imigração italiana foi demarcada ao lado da primeira: “Dona Izabel”, hoje Bento Gonçalves. A terceira foi “Duque de Caxias”, também chamada “Campo dos Bugres”, hoje Caxias do Sul. Oficialmente inaugurada em 1875, as três juntas formavam um bloco nos contrafortes da Serra Geral.

Na região central do Rio Grande do Sul foi criada em 1876 um núcleo colonial Santa Maria da Boca do Monte e recebeu posteriormente o nome de Colônia de Silveira Martins, em homenagem ao senador gaúcho Gaspar Silveira Martins, político que defendia a imigração. O local escolhido, distante dos demais núcleos de imigração italiana no estado, era composto por terras devolutas situadas na região central, na Serra de São Martinho, que faz parte da Serra Geral.

A primeira leva de colonos italianos chegou em 1877 e era composta por 70 famílias, que seguiram de barco pelo rio Jacuí até Rio Pardo e daí de carreta até a serra. No trabalho de Marilene Scapin encontramos o número de 80 famílias e não apenas de 70 nomes como vemos normalmente. A autora fez um levantamento através do CPG o quadro com todos os sobrenomes das famílias pode ser encontrado em seu trabalho (2002, p. 36)<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Marilene Scapin escreve sobre mulheres descendentes de imigrantes italianos na Quarta Colônia: mitos estereótipo, dissertação do Mestrado em História, UNISINOS, 2002.

A Quarta Colônia é conhecida como a "prima pobre" ou a "imigração esquecida"<sup>4</sup> entre as colônias italianas e foi organizada pelo Governo Imperial a partir de 1875, no Rio Grande do Sul.

Situada entre os vales e encostas da região central do Estado, na Serra Geral, a Quarta Colônia é composta pelos municípios de Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Silveira Martins e São João do Polêsine.

Abrindo um parêntese, é necessário revisar as mudanças ocorridas no outro extremo da Europa, alguns séculos antes para entendermos como chegaram até aqui.

---

<sup>4</sup> O termo "Imigração esquecida" é o título de uma importante obra sobre a colonização italiana no Rio Grande do Sul, tendo como autor Silvino Santin. O autor denomina esse título devido ao fato da ex Colônia de Silveira Martins não ter se desenvolvido como as outras colônias de imigração italiana no Rio Grande do Sul.

## CAPÍTULO 2

### **Retrocedendo na História**

*"Não é somente o grande homem, o herói, o general que faz a História. O papel primordial, hoje, da História é conscientizar a cada um através do conhecimento crítico do passado e do presente e da sua função como agente transformador do mundo." Ferreira Gullar*

Em 1612 entra, na história da Rússia, a Dinastia Romanow, com o Czar Miguel Theodorovichz, que conseguiu restabelecer a tranqüilidade no interior e também no exterior nas extensas fronteiras. Na sucessão nem sempre pacífica desta casa, sobressaem às figuras de Pedro, o Grande, que intensifica a entrada do colosso na história da Europa, extinguindo a pecha de “povo bárbaro”. Frequentes viagens pelo exterior incentivam a imigração estrangeira que introduz costumes e indumentárias europeias. Sucede-lhe, após alguns transtornos, em 1762, Catarina II, que abriu ainda mais as portas à cultura Ocidental, dividindo o império em 50 governos. Entre eles, uma denominada República Autônoma Alemã do Volga. Num território de 24.940 km, com a capital Jekaterinenstadt, situada na margem direita do famoso Rio que desaguava no Mar Cáspio.

A Czarina, que tinha sangue Ariano, nesse Estado asseguraria a sua língua de origem, com suas escolas e costumes, isenção do serviço militar, cargos nos primeiros escalões do Império, constituindo-se assim: “Um Estado dentro de outro”. A República atingiu a média de 22 habitantes por quilômetro.

Privilegiado pelo isolamento e imunidade do serviço militar, pouco os atingiu a aventura de Napoleão Bonaparte, na primeira década de 1800. Nestas condições procriaram-se cinco ou mais gerações. Mas sobrevieram novos tempos para a Rússia o Czar Alexandre II, acusado por distúrbios internos e guerra com os fronteiriços, procedeu a reformas do campesinato e legislou a “Nacionalização” das tantas



Repúblicas Independentes, tornando o serviço militar obrigatório. Essas legislações vinham acabar com os antigos privilégios, que por mais de um século e por sucessivas gerações, tornaram direitos sagrados e inalienáveis.

As novas exigências imperiais Russas coincidiam com o desencadear nas Américas na busca de imigração européia. Os mais revoltados e afoitos não tiveram dúvidas de partir para o Canadá, ainda no ano de 1873. Bem estabelecidos e instalados no país de tantas possibilidades futuras, aguçaram o desejo de muitos outros de imigrar.

Nesse clima de resistência ao Czarismo e ao mesmo tempo de melhores oportunidades, chegou à República do Volga a notícia que também o Brasil estava na busca de imigrantes. Porque então não enviar uma comissão, como propusera D. Pedro, para combinar as condições de até duzentos mil irem em busca dessas para estas novas terras. Se grandes eram as esperanças deles, maiores foram as desencadeadas no império do Brasil, quando chegaram a Embaixada cinco homens no Rio de Janeiro. Para como lhes prometera o Imperador, escolheram as terras que desejassem dentro das vinte províncias do Brasil.

Dessa forma, em 1877 chega, onde hoje é Silveira Martins, no Núcleo de Santa Maria da Boca do Monte, uma leva de 400 imigrantes russo – alemães, para assim tentar uma vida melhor nessa nova terra.

Em 1878, 400 russos – alemães inadaptados em Silveira Martins voltam a Porto Alegre, e uns poucos vão a Cruz Alta e outras localidades. Em 27 de dezembro de 1878 registram-se 49 polacos em Caxias do Sul. Em 1875 chegavam a Garibaldi 48 famílias suíças. No mesmo ano, os italianos chegavam às colônias imperiais Caxias do Sul, Garibaldi e Bento Gonçalves; em 1885, estão em Veranópolis; em 1886, em Antônio Prado, e a partir da década seguinte surgem Guaporé, Encantado; mais tarde se formam os núcleos de Sananduva, Paim Filho, Cacique Doble, Machadinho, Maximiliano de Almeida, Getúlio Vargas, Erechim, Jacutinga, Campinas do Sul, Gaurama, Viadutos, Marcelino Ramos. A partir de 1877, imigrantes italianos se estabelecem em Silveira Martins, no centro do Estado, dando origem aos núcleos de Vale Vêneto, Nova Palma, Faxinal do Soturno, Jaguari, Dona Francisca. (De Boni, 1987).

O que está sendo proposto é ofertar uma contribuição à historiografia sobre imigração, na busca de um fato histórico pouco conhecido das pessoas, uma vez que referente a esta temática da imigração russa – alemã na Colônia de Silveira Martins não existe trabalhos escritos e não encontramos nenhum estudo ainda feito. Busca propiciar

uma contribuição social, na busca da primeira colonização russa – alemã, onde hoje é a Quarta Colônia de Imigração Italiana. Muitas dúvidas sobre esse tema perpetuam, pelo fato dessa leva de imigrantes russo – alemães não terem conseguido se fixar nessa região migrando para outras partes, como por exemplo, há probabilidades de famílias terem se deslocado para Buenos Aires.

Acredito que um dado relevante a ser citado foi a realização de uma escavação no ano de 1991, na busca de um suposto cemitério no local onde os imigrantes construíram seus barracões. Esse fato se inicia com vários relatos orais de pessoas que acreditavam na existência de um cemitério onde hoje encontramos o Monumento em homenagem aos imigrantes. Partindo desses relatos a então Secretaria Municipal da Cultura de Silveira Martins, requisitou uma escavação. Essa escavação então foi realizada nos dias 30 e 31 de maio, 1 e 2 de junho do ano de 1991, tendo uma equipe liderada pelo professor Mestre José Otávio C. de Souza (na época, professor da PUC/RS, hoje docente da UFRGS).

A tradição oral relata que houve a morte de quatrocentos imigrantes de peste. No entanto, o grupo que se propôs a realizar essa escavação não encontrou nenhum vestígio de cemitério, mas sim foi achado indícios de que realmente aquela área foi habitada por pessoas possivelmente lugar onde ficavam os barracões muito usados no início da imigração na região da Ex Colônia de Silveira Martins. Os relatos seriam de que no lugar seriam encontrados quatrocentos corpos de poloneses ou italianos, como consta no relatório de escavação da PUC/RS, mas esse número de quatrocentos também nos remete a leva de 400 russo-alemães que estiveram por passagem, mas devido há vários contratempos foram obrigados a migrar para outros lugares. O orientador desse trabalho André L. R. Soares que também esteve presente na escavação no ano de 1991 enfatizou por vezes que o objetivo da equipe era encontrar corpos de russo – alemães que foram vitimados pela tifo.

O que chama atenção é uma análise das fontes orais, que muitas vezes são passíveis de veracidade e outras vezes não. Podemos nos deparar durante pesquisas com diversos relatos orais, que em geral são passados de gerações para gerações. Mas o papel da ciência provedora esta de técnicas, equipamentos adequados quando puder ir a campo e comprovar se tais informações são de fato reais ou não. O próprio padre Luiz Sponchiado revelou em conversas informais que os corpos dos russo – alemães são encontrados na Linha Pompéia local onde ainda algumas famílias permaneceram e depois se dirigiram para Ijuí e não no Barracão de Val de Buia, local da escavação.

O próprio relato da escavação cita que não houve consulta a nenhuma bibliografia para a realização do trabalho de campo, o que poderia ter possibilitado algum erro quanto à localização do local indicado por relatos orais. Apenas quando o relatório final foi confeccionado houve feita consultas a algumas fontes e mesmo assim observou diversas informações desencontradas.

Desde essa escavação não houve mais nenhum registro de interesse em pesquisar e comprovar se realmente haveria corpos, onde hoje se situa o monumento ao Imigrante em Silveira Martins<sup>5</sup>. Dessa forma, achei pertinente pesquisar essa passagem dos Russo-alemães por ser algo pouco explorado. Essa escolha também se deu devido a minha descendência italiana e por conseqüência vir a ter certa curiosidade de investigar e estudar alguns aspectos dos descendentes. Sendo que a imigração russo – alemã acabou ficando esquecida, muitos nem sabem que antes da chegada dos imigrantes italianos já havia registro de imigrantes russo – alemães.

Nesse trabalho, será seguida uma metodologia que compete a esse tema, os estudos bibliográficos são levantamentos que envolvem teorias, quadros de referência, autores e revisões de literatura. O estudo bibliográfico, como diz o termo, se fundamenta em obras literárias. Já no que tange a pesquisa documental, como diz o próprio nome refere-se a documentos. São documentos, por exemplo, para fins de pesquisa histórica, leis, projetos, pareceres, autobiografias, jornais, revistas, dentre tantas outras coisas.

Torna-se necessário fazer uma revisão da historiografia com correntes, teorias, autores que se refiram tanto ao tema proposto, bem como as idéias que circundam essa idéia. Deve-se então fazer uma discussão pautada na Nova História.

Dessa forma, a decisiva mudança de rumo ocorreu em 1929, com a criação dos *Annales*, por Lucien Febvre e Marc Bloch: estes historiadores da referida revista, um ponto de encontro e de debates entre historiadores e cientistas sociais, em geral. Com esse estímulo começou a revolução que conduziu ao estado presente da historiografia francesa, cuja influência sobre muitos historiadores latinos – americanos sempre foi grande.

---

<sup>5</sup> Inaugurado em 1977 em honra ao centenário da imigração italiana na Quarta Colônia. Localizado no Barracão de Val de Buia, local onde se instalaram os primeiros imigrantes da região, antes de serem destinados aos lotes coloniais. A grande cruz, principal componente arquitetônico do monumento, representa a fé e a religiosidade dos imigrantes sendo também ma homenagem a vários imigrantes italianos que morreram no lugar por peste.

O arcabouço intelectual que vai dar origem à Nova História Cultural está intimamente ligado ao surgimento, no final da década de 1920, na França, de uma nova forma de se pensar as questões historiográficas, identificada como História das Mentalidades.

Uma história problematizadora do social, preocupada com as massas anônimas, seus modos de viver, sentir e pensar. Uma história com estruturas em movimento, com grande ênfase no mundo das condições de vida material, embora sem qualquer reconhecimento da determinância do econômico na totalidade social, à diferença da concepção marxista da história. Uma história não preocupada com a apologia de príncipes ou generais em feitos singulares, senão com a sociedade global, e com a reconstrução dos fatos em série passíveis de compreensão e explicação.

Além disso, a Nova História Cultural quer também se aproximar das massas anônimas. Podemos, portanto, afirmar que essa nova maneira de abordar o passado, a Nova História Cultural, revela uma especial afeição pelo informal, por análises historiográficas que apresentem caminhos alternativos para a investigação histórica, direcionando para onde as abordagens tradicionais não foram. Não obstante, a nova história recusa a hipótese de um tempo linear, cumulativo e irreversível, até então defendido pelos historiadores tradicionais. Para os historiadores novos a história não pode ser conhecida e ser produzida com base em uma compreensão especulativa e revolucionária do tempo histórico. Para controlar esse tempo acelerado, a história deveria enfatizar o lado repetitivo, cíclico, resistente, inerte, constante, da vida dos homens. Para realizar essa mudança de perspectiva proposta pelas ciências sociais, a história deveria se tornar outra que a tradicional, por uma revisão radical de sua concepção de tempo histórico. Foi o que compreendeu a *nouvelle histoire*: a construção de outra concepção de história e de seu tempo.

Nesse sentido é pertinente encaixar esse tema da imigração russa – alemã em 1877 na Quarta Colônia. Na ênfase de ser um estudo voltado a problematização do social e desses imigrantes serem uma massa anônima, pouco investigada e por consequência de pouca relevância para a atual sociedade.

## 2.1 - Literatura sobre a imigração

Dentro dessa temática da imigração de russo – alemães encontramos um trabalho realizado por Rosane Bovilini Tondolo. Dessa forma, há dados sobre a existência de Tupiguaranis e de famílias bugres que por um bom tempo habitaram a região de Val de Buia antes mesmo de qualquer outro colonizador naquela região. Após eles vieram então os russo-poloneses-alemães que antecederam o imigrante italiano, sendo este o verdadeiro colonizador daquela parte do Rio Grande do Sul.

Foi constatada uma média de 29 famílias de bugres que no entender dos primeiros imigrantes sobreviviam de forma rude e grotesca. Esses bugres são o resultado da mestiçagem entre índios, bandeirantes, portugueses e missionários espanhóis. (Crônica nº 3 de Luís Sponchiado<sup>6</sup>).

Dessa forma, mal ou bem constituídas, o fato é que essas famílias foram às primeiras contempladas com lotes medidos e demarcados do Império. Destas 29 famílias de bugres que receberam os lotes de terra nenhuma permaneceu na região. Então, perante essa informação e esses dados surgem diversas dúvidas: foram esses lotes vendidos, abandonados? Por que até hoje ninguém se interessou em aprofundar um estudo sobre essas famílias?

Então em agosto de 1877 o núcleo tentou ser colonizado por uma leva de 400 pessoas designados russo-poloneses-alemães. Existem ainda vários posicionamentos a respeito da nacionalidade destes imigrantes. Por exemplo, Umberto Ancarini (agente consular italiano) afirma que esses imigrantes são de origem polaca, já Romeu Beltrão (pesquisador) afirma que são de descendência alemã. A solução para essa questão não é simples de ser analisada. Poderiam ser poloneses porque assim se consideravam como também outra hipótese seriam russos devido ao fato de viajar com o passaporte que os denominava. Também há a questão de serem alemães, pois seus ancestrais o eram e

---

<sup>6</sup> 140 Crônicas. A voz do planalto. Nova Palma, 1968.

conservavam o idioma e costumes de origem alemã, mesmo residindo no Império Russo.

Outra questão a ser objeto de análise era o credo dessas pessoas havendo dúvidas sobre isso também. Como alemães poderiam ser protestantes, como russos seriam ortodoxos e também há hipótese dos poloneses, que em sua maioria, são católicos.

A chegada dessas 400 pessoas coincidiu com a grande estiagem. A seca foi o maior agravante do fracasso dessa imigração. Para termos uma idéia, a última precipitação foi constatada em 12 de agosto de 1876 tornando a chover novamente no final de fevereiro de 1877 (acervo CPG Nova Palma, Padre Sponchiado, livro de cronologia sobre os Russo-alemães) Assim, na primeira quinzena de outubro de 1877 a maioria dos imigrantes regressaram para Porto Alegre outros foram para a Argentina e Uruguai.

Tendo em vista que o tema proposto se refere ao processo migratório dos russo – alemães da Quarta Colônia para Buenos Aires na Argentina, torna-se pertinente explorar também a obra “A presença Italiana no Brasil”, organizada por Luiz de Boni, o então estudioso da imigração italiana em nosso estado o Pe. Luiz Sponchiado em: “A anágrafe de Nova Palma e os inícios da colônia de Silveira Martins nos cita”:

Restrinjo-me a apresentar imigrantes pioneiros, chegados a partir de 1877, ano da criação da colônia até 19.08.1882, quando o complexo colonial foi emancipado, estando sob direção do Dr. José Manoel de Siqueira Couto, ilustre engenheiro em Minas Gerais. (Acervo CPG, Padre Sponchiado, livro sobre os Russo-alemães)

Então na data de 19/03/1877, na cidade de Porto Alegre, chegava a primeira leva de imigrantes russo - alemães vindos de livre e espontânea vontade de Saratow. Após essa, outras expedições zarparam formando um montante de 400 pessoas, sendo encaminhadas para o seu respectivo núcleo, onde hoje é a cidade de Silveira Martins.

No entanto, em outubro desse mesmo ano esses imigrantes começaram a serem dizimados por doenças tropicais. Dessa forma, reimigraram para a província do Paraná, mas o descontentamento os assolava havendo também a perda de seus subsídios concedidos pelo governo provincial. Tendo todos esses problemas e sabendo da construção da estrada de ferro da margem do Taquari até a fronteira houve então uma conspiração para partirem para a Argentina.

Dessa forma, a primeira leva de russo – alemães não deu certo na região onde hoje é a Quarta Colônia por vários motivos, por exemplo, não adaptação aos relevos, falta de subsídios, a grande seca do ano de 1877 que acabava com suas esperanças de

colher algo. E assim sucessivamente se dirigiam para outras localidades, como Paraná, Ijuí e até Buenos Aires na Argentina.

Em alguns telegramas vemos então a confirmação da busca de imigrantes por terras e melhores condições em Buenos Aires na Argentina. Estas correspondências estão transcritas em livros de cronologia que se encontram organizadas no Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma. Sendo que as mesmas informações foram copiadas do Arquivo Histórico. Telegrama urgente de Jansen à Corte:

O indivíduo Guilherme Grenhalg está sob vigilância policial. Não se moveu daqui. Mas, por revelação dum companheiro, sabemos que da Colônia de Santa Maria da Boca do Monte, saiu uma comissão de russos para Buenos Ayres. Aguardo resposta de Greenhalg e este respeito. Chefe de policia e presidente, prevenidos... (Acervo CPG, Padre Sponchiado, livros de cronologia sobre os Russo-alemães)

Há vários telegramas envolvendo os agentes dessa colonização nota-se a necessidade de obterem um lugar e de darem uma vida digna a seus familiares. Isso independe de qual país for, mas sim depende de qual pátria lhe dará melhores condições de atingirem um único objetivo que é o de serem donos de suas terras e poderem produzir nelas. Telegrama urgente e reservado ao Dr. Guilherme Grenhalg, administrador da colônia russa, em Santa Maria da Boca do Monte:

Consta que saiu uma comissão russa, para Buenos Ayres, a fim de escolher terras para seus companheiros. Sirva-se dizer-me com urgência, si tem conhecimento. Estão os outros nos seus lotes? Estão contentes? De combinação com VS devo tomar providencia para evitar imigração. Diga-me, pois, o que lhe ocorrer a respeito. (V. 28. 6. 1877) (Acervo CPG, Padre Sponchiado, livro de cronologia sobre os Russo-alemães)

Nessa citação há preocupação da corte em tomar providências para evitar uma possível fuga dos Russo – alemães para Buenos Aires. Já que esses mesmos imigrantes não podiam sair do Brasil sem antes de pagar a sua dívida ativa com o governo, sendo o seu subsídio de apenas seis meses.

Isso é percebido em outra ocasião, Janssem telegrafa ao Cintra, que o diretor de D. Isabel, comunicou que grande número de colonos, vem ao presidente para pedir prolongamento do subsídio em dinheiro até dezembro, momento da colheita. O trabalho das estradas falta crédito e férias e há dificuldades grandes. O presidente, nada quer decidir, sem a resposta do Inspetor Geral. Em outro telegrama encontra-se: Em Buenos Ayres, Carlos Keller, escreve a Jansen em Porto Alegre: que obteve de um empregado da Imigração Argentina, que um certo G. Nasch obteve do Chefe da Imigração Odilon: “trazer um certo numero de russos – alemães” mediante gratificação. Cf. o ss.

Telegrama: “Se os alemães são agricultores, e tem como estabelecer-se recebera uma Libra Esterlina por cada um dos primeiros 500 que venham. Para maior número trataremos depois”. (Acervo CPG, Padre Sponchiado, livro de cronologia sobre os Russo-alemães)

Conforme esses dois últimos telegramas é perceptível que a Corte brasileira não estava disposta a dar mais alguns meses de subsídio aos imigrantes, e a Argentina estava disposta a pagar por essa mão de obra. Diante desses impasses os imigrantes se mostraram interessados.

Os russo-poloneses-alemães deixaram para trás somente um moinho hidráulico o qual foi financiado pelo Estado e também um cemitério que com o passar dos anos e o desinteresse se perdeu no tempo e no espaço.

Em outra obra nomeada Povoadores da Quarta Colônia, dos autores José Vicente Righi, Edir Lúcia Bisognin e Valmor Torri, é salientado mais uma vez as causas da imigração.

O fator de maior destaque quanto à emigração dos habitantes da Itália para a colônia Imperial de Silveira Martins, no Rio Grande do Sul, foi o fim da sociedade camponesa européia notadamente da Itália.

Quais então seriam as causas imediatas da emigração?

Diante do capitalismo avassalador, a classe camponesa ou se urbanizava e se transformava em força de trabalho, que seria aproveitado pela indústria ou promoveria uma modificação em suas próprias atividades. Então os camponeses aceitariam essa mudança ou poderiam partir para outras terras e abandonariam a sua pátria.

O período que abrange os acontecimentos de 1850 a 1870 compreende a expansão do sistema capitalista em toda a Europa. Tal expansão configura a causa principal da imigração dos italianos no Brasil.

O capitalismo criou raízes profundas no campo político – econômico – social, teve conseqüências na força de trabalho e suas mutações. Reflexo da nova estrutura ideológica. Nessas condições os camponeses estavam sendo definidos como pobres.

Com essa Revolução Industrial os camponeses resolveram se aventurar através dos mares. O Brasil estava necessitado de mão de obra para substituir o braço negro nas lavouras de café e cana de açúcar.

Nesse mesmo período a Itália passava pelo seu processo de unificação. No norte da Itália a situação havia de agravado, pois permaneciam com uma característica



agrária, regido por relações sociais extremamente arcaicas impedindo o desenvolvimento econômico levando as massas à miséria e fome.

Assim, a emigração para a América significa entre outros motivos manter a união familiar, os valores morais, éticos, sendo tudo isso dentro da moral católica. Os imigrantes italianos quando vieram aqui para a Ex Colônia de Silveira Martins, sentiram então a necessidade de trazer padres, enfim a Igreja Católica Romana. Acreditavam que dessa forma teriam um amparo a mais naquele tempo difícil.

No entanto, a necessidade da imigração devido a vários fatores já citados anteriormente, ocorreu então em dois períodos 1822 a 1830 e após 1845. O primeiro período foi sob a ação de José Bonifácio e de Dona Leopoldina. Os primeiros imigrantes chegaram em julho de 1824 e foram enviados para o sul, pois o perigo de guerra com Portugal havia passado. O Rio Grande do Sul se destacava na pecuária. Era então necessário que os novos colonos fornecessem outros produtos às cidades e ao exército.

Na Europa nesse momento há mudança do sistema feudal para o sistema industrial gerando assim um excesso populacional. A situação dos agricultores (alemães) se agravou mais ainda devido as Guerras Napoleônicas (1792-1815) e conseqüentes movimentos liberais em quase todos os estados germânicos.

Aqui no Brasil durante o Império, o Rio Grande do Sul apresentava uma pecuária que constituía a sua economia básica. O charque que era produzido para alimentar os escravos dependia da concorrência dos países platinos.

Os senhores de escravos eram os detentores da economia e se preocupavam em aumentar a sua participação, sempre limitada, no sistema político imperial (faziam parte do Partido Conservador) havendo também o Partido Liberal que lutava pela descentralização e pelo federalismo.

Diante desses vários acontecimentos a imigração de alguns povos aqui no Rio Grande do Sul como, por exemplo, os alemães, açorianos e italianos, veio para substituir o trabalho escravo e ajudar na fonte econômica do estado. O objetivo maior desse novo contingente de mão de obra era construir o seu lugar com seus hábitos, enfim com a sua cultura vinda da Europa.

No próximo capítulo pretendo trabalhar a visão que os imigrantes italianos têm diante a passagem dos russo-alemães em Silveira Martins. Imigração essa muitas vezes não comentada, ou melhor, não lembrada.

## CAPÍTULO 3

### O olhar do imigrante italiano frente à imigração russo-alemã

*"Os homens fazem a sua própria História, mas não a fazem como querem, não a fazem sob circunstâncias a sua escolha (...)" Karl Marx*

Como havia sido citado no capítulo anterior, essa leva de imigrantes russo-alemães é pouco conhecida pela grande parte dos imigrantes italianos e seus descendentes posteriores.

Partindo desse dado acho importante analisar isso dentro de uma perspectiva teórica. Nota-se aqui uma informação importante então à imigração italiana e seus descendentes frente à “imigração esquecida” dos russo-alemães.

O autor Emílio Willems<sup>7</sup> nos remete a várias temáticas pertinentes nesse tema abordado tais como: etnia, vida rural e comunidade - dentro de esquema de vanguarda teórica da época - a aculturação.

Uma parte significativa do livro seria a noção de "cultura híbrida" para afirmar a especificidade cultural teuto-brasileira, numa tentativa de superar certos limites dos conceitos de assimilação e aculturação então vigentes nas análises de processos migratórios. O hibridismo cultural contém o pressuposto da duplicidade resultante do contato dos imigrantes e seus descendentes com o meio ambiente, a sociedade e a cultura brasileiras, expressado pelo uso analítico da categoria teuto-brasileiro. Dentro desse contexto temos a denominação do “homem marginal” vinculada à figura do imigrante. A dualidade cultural seria a principal característica dessa marginalidade nesse processo migratório.

A dita aculturação se faz existir quando um grupo portador de diferentes culturas entra diretamente em contato com um grupo de padrões culturais originais. Cultura

---

<sup>7</sup> A aculturação dos alemães no Brasil, 1946.

híbrida, portanto, tem significado bem preciso em meados da década de 1940: é um indicador da "cultura marginal" de descendentes de imigrantes, e suas muitas variações regionais urbanas e rurais são materializadas por padrões de integração grupal que distanciam a maior parte da população teuto-brasileira da sociedade nacional e até mesmo dos imigrantes recém-chegados, identificados pela categoria alemão-novo.

Nesse processo teórico outro exemplo pertinente é o livro de Erving Goffman, intitulado *Estigma* em que o autor expõe casos e conceitos sobre situações nas quais as pessoas passam certos preconceitos onde vivem, ocorrendo à criação de certos estereótipos para cada grupo catalogado como sendo “anormal” perante o outro.

O fato dos imigrantes russo-alemães terem vindo antes dos imigrantes italianos e não conseguirem se adaptar na região, ficando por sua vez esquecida, cria também uma negação sobre a sua estada naquela região. Esse aparente “esquecimento” nos remete a várias vertentes importantes, tais como, a cultura dos imigrantes italianos seria superior a dos imigrantes russo-alemães, a adaptação dos imigrantes italianos também teria sido melhor simulada e assim, superior.

Como Goffman explicita no seu texto, há um preconceito de cunho cultural mesmo com as pessoas e seus afins não possuírem defeitos ou anormalidades visíveis, mas sim de forma estrutural, das hierarquias propostas pela cultura as quais pertencem.

Todos nós pertencentes a uma determinada cultura temos a visão de que esta é a mais completa. Por isso, temos tanta facilidade em negar a cultura do “outro”. Muitas vezes estigmatizamos sem perceber, porque determinados simbolismos e estruturas pensantes que estão embutidos na nossa educação e parâmetros de convivência social.

Conforme a história nos ensina os imigrantes vieram ao Brasil para substituir a mão de obra escrava. Dentro dessas intenções já notamos um preconceito diante da cultura negra. Nesse sentido temos o Tratado assinado por D.João VI referente à imigração como fator civilizatório, estabeleceu a preferência por agricultores e artífices e estipulou as condições de prestação do serviço militar objetivando reforçar o contingente de milicianos brancos. Esses poucos dados apontam para os principais critérios de seleção de imigrantes: deviam ser europeus e brancos. A imigração estava subordinada por excelência à colonização, somente no período de 1819 a 1940 o Brasil recebeu perto de cinco milhões de pessoas (Seyferth, 1990). Dessa forma foi construída a imagem do imigrante ideal.

Essa maciça entrada de estrangeiros pós a abolição também reavivou o debate sobre a tese do branqueamento que na prática culminou com a campanha da nacionalização no Estado-Novo.

Partindo do particular para um âmbito mais geral, ou seja, em termos nacionais temos, por exemplos, a campanha da nacionalização ocorrida no Estado Novo (1937-1945), atingindo todos os possíveis alienígenas (termo indicativo de ausência de *abrasileiramento*).

Diante desse parâmetro é presenciado o preconceito, ou melhor, a negação de outras culturas como temas contínuos na nossa história. Sempre temos a certeza de que a nossa cultura, educação, alimentação, formas de vestuários, religião, enfim, os mais variados tipos de coisas são sempre superiores a dos outros. E nesse processo nos adaptamos no decorrer de nossa existência deixando rastros e porque não futuros herdeiros desses nossos hábitos que se tornaram a nossa condição de vida.

Em um artigo de Giralda Seyferth, intitulado “A assimilação dos imigrantes como questão nacional”, o primeiro ato de nacionalização atingiu o sistema de ensino em língua estrangeira: a nova legislação obrigou as chamadas "escolas estrangeiras" a modificar seus currículos e dispensar os professores "desnacionalizados"; as que não conseguiram (ou não quiseram) cumprir a lei foram fechadas. A partir de 1939, a intervenção direta recrudescceu e a exigência de "abrasileiramento" tornou-se impositiva.

Dessa forma o Estado-nação que negou a legitimidade às etnicidades, conforme parâmetros característicos da ideologia nacionalista brasileira gestada desde o século XIX, e que privilegiou a assimilação e o caldeamento racial como base da formação nacional. Destaca a hegemonia de uma visão militar e o próprio uso do termo "campanha" é, nesse sentido, significativo na qual os alienígenas (inclusive os nascidos no Brasil) são personagens que precisam ser "conquistados" através da imposição do civismo.

No livro de Célia Maria Marinho de Azevedo<sup>8</sup>, é feito um apanhado de algumas correntes pensantes dentro da sociedade brasileira logo após a abolição da escravidão ocorrida em 1888. A Abolição da Escravidão ficou marcada como um fato histórico no Brasil. No entanto, o que era para ser uma mudança positiva para a sociedade não foi sentido no cotidiano das pessoas. Ao invés de mudanças reais dentro das relações sociais, houve a tentativa de deslocar o negro para as periferias, dentro do espaço

---

<sup>8</sup> Onda Negra, medo branco: O negro no imaginário das elites século XIX.

urbano. E infelizmente essa tentativa obteve êxito, isolando também a cultura negra com suas formas religiosas e seus vários hábitos e costumes.

O objetivo concreto foi sem dúvida uma tentativa de o Brasil tentar ser igual às sociedades civilizadas européias. Várias pessoas iam estudar na Europa e com isso quando voltavam traziam consigo além de ensinamentos acadêmicos a vontade de mudar a sociedade brasileira dentro dos moldes europeus. A Abolição da Escravidão, não deixou de ser um fato originário dessa sede de mudança. Como que um país que tinha como meta o desenvolvimento poderia ainda ter escravos?

No entanto, com a Abolição houve a dúvida em o que fazer com os negros aqui remanescentes. Houve os que foram a favor do branqueamento da população, os que queriam a volta de todos negros a África, os que favoreceram a vinda de imigrantes europeus para a substituição da mão de obra negra pela branca. Analisando diversas correntes como a emancipacionista, imigrantistas, chama a atenção o que José Bonifácio propunha fazer com o contingente de mão de obra negra: era favorável que os escravos virassem colonos livres, ou seja, o negro deveria receber um pedaço de terra e se tornar um “colono livre” (ver Célia Maria, pg.41, 1987), discurso esse que se enquadra dentro dos projetos emancipacionistas.

A imigração européia foi um fato quase que inevitável, porque os colonos europeus passavam por constantes mudanças na sociedade e de certa forma estavam insatisfeitos com as condições que lhes estavam sendo impostas. Condições essas como a Revolução Industrial posto que a mão de obra estivesse sendo aos poucos trocadas por máquinas, a exploração dos grandes proprietários de terras, as constantes lutas pela unificação da Itália quanto da Alemanha. E foi com o sonho de ter seu pedaço de terra e com o objetivo de serem donos de sua força de trabalho que imigraram para o Brasil.

O negro por sua vez não teve como concorrer a essa mão de obra européia. Pois esses já vinham com uma atividade disciplinada, racionalizada, ou seja, a venda da força de seu trabalho ou a aquisição de seu próprio pedaço de terra. Coube assim aos negros tarefas de mera subsistência já que este estava acostumado ao sistema patriarcal.

O objetivo da vinda desses imigrantes foi a busca de uma sociedade mais homogênea com o intuito de “purificar” (vide Célia Maria, pg.37) o Brasil, além de obter uma mão de obra apta para as novas expectativas econômicas frente ao sistema capitalista. O negro por sua vez ficou a margem dessa mudança estrutural da sociedade, tendo que se conformar apenas pela busca de seu sustento e de sua família.

Dentro dos projetos imigrantistas, o trabalho livre viria para assegurar a evolução do país tendo como grande meta o progresso. Esses termos são muito utilizados no século XIX, tendo como origem a filosofia positiva aplicada na sociedade. Um bom exemplo que podemos perceber até hoje é o emblema da nossa bandeira nacional “Ordem e Progresso”. Dessa forma, o positivismo que tem por sua lógica a evolução das sociedades se torna, com naturalidade, contrário a escravidão.

Essa cultura do atraso nacional vem em conjunto com sistema colonial imposto pelos lusitanos. O Brasil sentiu falta de um espírito empreendedor desde a sua descoberta, mas sim foi fruto de uma exploração tanto das riquezas naturais como dos povos aqui originados.

Assim, há percepção de como o Brasil sempre teve dificuldades no enfrentamento entre culturas diferentes. Por exemplo, os índios foram tratados como submissos pelos portugueses, os negros também eram tratados de forma desigual. Mais adianta os imigrantes então foram vistos como superiores aos negros, tanto pela cor da pele, como a sua origem (Europa), e hábito de trabalhar de forma disciplinada.

Dessa forma, na Ex Colônia de Silveira Martins observou a então inadaptação dos russo-alemães naquela região. Por motivos já mencionados, como o relevo, falta de subsídios, longa seca de 1877, pestes. Logo após, tivemos então os imigrantes italianos destinados para aquela região. Onde ocorreu a adaptação, o crescimento gradativo daquela região, ou seja, os imigrantes italianos podem se achar superiores em comparação à leva de russo-alemães.

O objetivo dessa análise é de recapitular o legado de diversas culturas, povos que ajudaram a fazer e transformar tanto a nossa história regional como a nacional. Como um povo, veio substituindo o outro de forma dolorida e outras vezes de forma natural.

Dentre os vários livros, materiais que foram pesquisados, pude perceber que há um esquecimento dos imigrantes italianos quanto à leva de russo-alemães. Isso pode ter várias hipóteses, mas acredita-se que a mais eficaz foi a necessidade da auto-afirmação desse povo em suas novas terras. Fica com certeza o sentimento de vitória alcançada pelos imigrantes e descendentes de italianos em ver prosperar a Ex Colônia de Silveira Martins.

## CONCLUSÃO

Este estudo foi pensado tendo como principal objetivo suscitar e valorizar a passagem dos russo-alemães que, de certa forma, passou despercebida no passar do tempo. Pelo que pude pesquisar, percebi que essa leva de descendentes não teve nada de muito diferente, por exemplo, da imigração italiana. Pois esse contingente de pessoas com certeza não satisfeitas com sua vida em outro continente trouxe para Silveira Martins o sonho de construir a pátria dos seus sonhos, com muito trabalho e persistência.

O ponto essencial nesses estudos sobre imigração é notar que independente das origens os imigrantes tinham a mesma força de vontade de construir não apenas suas vidas, mas sim de saber que tudo foi conquistado por eles não tendo mais os padrões para darem satisfações. Essa busca de seu espaço, da liberdade foi o que trouxe esses imigrantes na difícil tarefa de desbravar novas terras.

Assim é notável como o grupo étnico em si tem influência e não apenas o indivíduo. Esse pensamento coletivo em construir algo aos seus, enfim essa união dessas pessoas nos tempos mais difíceis se torna uma das principais características dessas imigrações tanto a russo-alemã, italiana, alemã.

Não se sabe ao certo o destino após a passagem pela Ex Colônia de Silveira Martins dessa leva de russo-alemães. Essa lacuna talvez só seja preenchida trabalhos futuros. O que não deixaria de enriquecer os dados até agora analisados e pesquisados desse período da nossa história regional. Inúmeras ainda são as dúvidas que perpassam esse período da história regional da imigração na Ex Colônia de Silveira Martins sobre a leva de colonos russo-alemães. Será que estes foram mesmo para Buenos Aires

(Argentina)? Será que morreram tendo como causa a peste (tifo)? Ou será que se fixaram por outro lugar de solo brasileiro no qual não sabemos? O que chama atenção é que na data de 27 de dezembro de 1878 registram-se 49 polacos em Caxias do Sul. Através dessa informação que temos em vários livros sobre a imigração no estado do Rio Grande do Sul surgem sempre esses polacos. Podemos e porque não ousar a pensar que poderia ser parte do grupo inadaptado já que até hoje há uma discussão sobre a identidade étnica deles e quanto à nomenclatura que deveríamos chamá-los. Diante dessas várias dúvidas e questionamentos permanecem havendo ainda muito a ser estudado e desvendado sobre esses russo - alemães.

O grande objetivo desse trabalho acadêmico foi fazer um estudo bibliográfico a cerca das discussões sobre a teoria da imigração, mas também suscitar o interesse nas pessoas quanto a essa parte de nossa história regional, que em vários momentos, permanece esquecida. Pude perceber que nos livros referentes à migração há pequenos relatos a cerca dessa imigração russo-alemã e nenhuma de forma mais aprofundada. O que nos indica uma carência de material voltada a essa leva de imigrantes.

Dessa forma, penso que permanece uma lacuna na nossa história regional dentro do tema destinado a chegada dos primeiros imigrantes na Ex Colônia de Silveira Martins. Qual o verdadeiro destino dos russo – alemães após não se adaptarem? Teria aquelas pessoas morrido de peste (tifo)? E se morreram foram enterradas em que parte? Para obter respostas a essas indagações somente fazendo um estudo mais aprofundado catalogar sobrenomes das pessoas e fazer uma busca pelos arquivos que são destinados a essas informações.

Esses ciclos migratórios, não deixam de ser comuns, durante as grandes migrações do século XIX. Mas o fato de serem comuns não deixa de ser uma importante característica para a nossa história regional, pois foi através dessa movimentação constante de algumas etnias que temos delimitado a origem de algumas de nossas cidades ou núcleos mais tradicionais em nosso estado Rio Grande do Sul.

Junto com essas delimitações territoriais que caracteriza, de certa forma as migrações, outro aspecto muito importante nos salta aos olhos que é o item cultura trazida e perpassada através dos tempos. Essa cultura é o que caracteriza cada sociedade cada etnia. Como exemplo, vivenciamos a imigração italiana e seus traços trazidos e, de certa forma vivida até hoje, onde hoje é a Quarta Colônia de Imigração Italiana, sempre sendo tomado o cuidado de passar de geração para geração. Isso caracterizou a leva de



russo – alemães se aquelas pessoas conseguiram sobreviver e se fixar em alguma terra passando os seus hábitos e tradições aos seus descendentes.

A grande característica das migrações não é apenas a luta dos primeiros imigrantes procurando algum lugar digno para se fixar e começar uma vida nova. Mas esse reavivamento constante dos descendentes perpassando as novas gerações o que foi trazido há séculos atrás.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<[http://www.pensador.info/p/julio\\_cesar\\_epigrafes/1/](http://www.pensador.info/p/julio_cesar_epigrafes/1/)> acessado em maio/2008.

ANCARINI, Umberto. **Monografia sobre a origem da Ex – Colônia Italiana de Silveira Martins (1877 – 1914).**

AZEVEDO, Célia Maria Marinho. **Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX.** Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

DE BONI, Luiz. **A presença Italiana no Brasil.** EST/FONDAZIONE GIOVANNI AGNELI, 1987.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4° Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

LORENZONI, Julio. **Memórias de um imigrante italiano.** Porto Alegre: Sulina, 1975

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

POZZOBON, Andréa. **"Uma odisséia na América".** In: Z. F. Pozzobon, *Uma odisséia na América.* Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

RIGH, José Vicente. BISOGNIN, Edir Lucia. TORRI, Valmor. **Povoadores da Quarta Colônia**. EST. Porto Alegre, 2001.

SANTIN, Silvino. **A imigração esquecida**. EST, 1986.

SANTIN, Silvino. Isaia, Antônio. **Silveira Martins Patrimônio Histórico – Cultural**. EST, 1990.

SANTOS, Antônio Raimundo. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 2 a. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

SCAPIN, Marilene. **Mulheres descendentes de imigrantes italianos na Quarta Colônia: mitos estereótipo**. Dissertação do Mestrado em História, UNISINOS, 2002.

SEYFERTH, Giralda. **A assimilação dos imigrantes como questão nacional**. Mana v.3 n.1 Rio de Janeiro abr, 1997.

SOUZA, José Otávio C. **Relatório de pesquisa de campo no município e Silveira Martins**. PUC, Porto Alegre, junho de 1991.

SPONCHIADO, Breno Antônio. **Imigração & 4º Colônia: Nova Palma e Pe. Luizinho**. Santa Maria, UFSM, 1996.

TONDOLO, Rosane Bovolini. **A colonização de Silveira Martins**. Monografia para obtenção de grau no curso em Especialização em História do Brasil (UFSM). Santa Maria, 1990.

THUMS, Jorge. **Acesso à realidade: técnicas de pesquisas e construção do conhecimento**. Porto Alegre. Editora Sulina, Editora da Ulbra, 2000.

VENDRAME, Maíra Inês. **“Lá éramos servos, aqui somos senhores”, A organização dos imigrantes italianos na ex-colônia de Silveira Martins (1877-1914)**. Santa Maria. Editora UFSM, 2007.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Italianidade no Brasil Meridional, A construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS.** Santa Maria. Editora UFSM. 2006.

WILLEMS, Emílio. **Aculturação dos alemães no Brasil.** São Paulo, Editora Nacional, 1946.